

ORIENTE MÉDIO

Massacre na busca por comida

Drones e tanques israelenses disparam contra multidão reunida para tentar conseguir farinha, em Gaza. Ao menos 60 palestinos são mortos e 200 ficam feridos. ONU cobra entrada de ajuda humanitária

» RODRIGO CRAVEIRO

Virou rotina. Pelo menos 60 palestinos foram assassinados e 200 ficaram feridos por disparos de drones e de tanques israelenses enquanto tentavam obter farinha de caminhões da organização não governamental World Central Kitchen, em uma estrada a leste da cidade de Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza. “Drones israelenses dispararam contra a multidão. Minutos depois, tanques israelenses lançaram vários projéteis”, declarou Mahmud Basal, porta-voz da Defesa Civil, à agência France-Presse.

As Forças de Defesa de Israel (IDF) reconheceram os disparos de seus soldados e anunciaram que o incidente está sob investigação. “Hoje mais cedo, uma aglomeração foi identificada próxima a um caminhão de distribuição de ajuda na área de Khan Yunis, e nas proximidades das tropas das IDF que operam na área. As IDF estão cientes de relatos sobre vários feridos por disparos após a aproximação da multidão”, afirma uma nota do Exército israelense. “Os detalhes do incidente estão sendo analisados. As IDF lamentam qualquer dano causado a indivíduos não envolvidos e trabalham para minimizar os danos o máximo possível, enquanto mantêm a segurança de nossas tropas.”

Chefe do Escritório de Direitos Humanos da ONU nos Territórios Ocupados, Anjit Sunghay explicou ao **Correio** que incidentes do tipo têm sido praticamente diários. “Nesse momento, estamos verificando os números exatos e as circunstâncias das matanças de hoje (ontem). Desde 27 de maio passado, quando a Fundação Humanitária de Gaza começou a distribuir ajuda, temos visto assassinatos de palestinos, principalmente vítimas por disparos das IDF”.

Sunghay cobrou o urgente envio livre de ajuda humanitária para dentro de Gaza, por meio da ONU e de nossos parceiros humanitários. “Israel tem que facilitar essa necessidade urgente. Temos visto o caos: as pessoas precisam escolher

AFP



Criança ferida pelos disparos israelenses recebe tratamento médico no Hospital Nasser, de Khan Yunis: instalações de saúde funcionam no limite

entre morrer de fome e levar um tiro quando tentarem obter comida.”

Famintos

Segundo Sunghay, a inexistência de uma polícia civil em Gaza dificulta a manutenção da ordem. “Além disso, há uma massiva falta de alimentos, e as pessoas estão com fome. Nessas circunstâncias, quando você envia comida em pequenas quantidades, por meio de caminhões, é claro que pessoas frustradas, nervosas, cansadas e lutando contra a fome pularão umas sobre as outras”, afirmou. O chefe do Escritório de Direitos Humanos da ONU lembra que havia apenas quatro centros de distribuição de ajuda da Fundação Humanitária de Gaza. “Isso para 2,2 milhões de pessoas, o que significa 550 mil palestinos para cada centro. É possível imaginar o completo caos.”

Jens Laerke, porta-voz do Escritório da ONU para Coordenação de

Eu acho...

Arquivo pessoal

“Desde 27 de maio, quase que diariamente palestinos têm sido mortos ou feridos por disparos, ao tentar conseguir comida. Mais de 3.000 pessoas foram assassinadas nessas condições, de acordo com o Ministério da Saúde da Faixa de Gaza. É muito difícil verificar esses números de forma independente. Isso mostra um completo caos e anarquia na distribuição de alimentos.”

Anjit Sunghay, chefe do Escritório de Direitos Humanos da ONU nos Territórios Ocupados

Assuntos Humanitários (OCHA), confirmou ao **Correio** que pelo menos 60 palestinos foram mortos. “Os feridos deram entrada no Complexo México Nasser, onde equipes médicas operam com suprimentos

extremamente limitados — as unidades de terapia intensiva e de emergência estavam superlotadas antes mesmo do incidente desta terça-feira”, relatou. “Setenta vítimas foram levadas a hospitais de campanha.”

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Rússia faz o pior ataque a Kiev

» RENATA GIRALDI

Pelo menos 14 pessoas morreram, ontem, incluindo um homem com cidadania norte-americana de 62 anos, e mais de cem ficaram feridas em uma série de bombardeios russos com mais de 440 drones e 32 mísseis a Kiev, capital da Ucrânia. O ataque foi considerado um dos mais violentos dos três anos e meio de guerra. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, classificou como um dos “mais horríveis”, logo em seguida, o G7 (grupo que reúne as maiores economias do mundo) anunciou o repasse de no valor de US\$ 2,3 bilhões — em drones, munições e veículos blindados, além de apoio para a infraestrutura.

Os bombardeios russos atingiram 27 pontos da capital, incluindo conjuntos de apartamentos e instalações da indústria militar. Dezenas de moradores se refugiaram em uma estação do metrô, alguns deles com seus animais de estimação. “Foi a noite mais infernal de que me lembro”, disse à AFP Alina Shtompel, uma estudante de 20 anos. Em Odessa, cidade portuária no sul da Ucrânia, pelo menos 13 pessoas foram hospitalizadas devido aos ataques.

“É uma clara reação do presidente Putin que agora prioriza a região de Kiev, que manterá os ataques de grandes proporções, sacrificando a estrutura das principais cidades”, afirmou ao **Correio** Roberto Goulart Menezes, professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB). “Putin já tomou 20% de uma região na Ucrânia, de lá formou sua base para a guerra. Não mudou muito desde o início.”

As recentes negociações de paz

AFP



Prédio bombardeado na capital, um dos 27 pontos atingidos na cidade: 14 mortos e mais de 100 feridos

entre Moscou e Kiev estão estagnadas, com as duas partes inflexíveis em suas posições. Moscou rejeitou a trégua “incondicional” exigida pela Ucrânia e seus aliados europeus. Kiev descartou as demandas de Moscou, que chamou de “ultimatos”. O apoio do G7 à Ucrânia, embora vitorioso para Zelensky, o frustrou. Ele esperava conversar com Trump, sobre a compra de equipamentos militares, mas o norte-americano deixou a reunião antes de ele chegar.

O primeiro-ministro do Canadá, Mark Carney, anfitrião da cúpula do G7, prometeu “solidariedade total” à Ucrânia. Além do apoio militar, o político revelou mais sanções contra a Rússia para exercer “máxima pressão” sobre Putin. O Reino Unido também sinalizou que quer aumentar a pressão econômica sobre a Rússia. “Essas sanções atingem diretamente o coração da máquina de guerra de Putin, asfixiando sua capacidade

para continuar sua guerra bárbara na Ucrânia”, disse em comunicado o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer. Nos Estados Unidos, parlamentares tentam aprovar um pacote anti Rússia, mas Trump não indicou como tratará o tema. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse que o G7 — Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Reino Unido, Itália, Japão — seguirá focado na Ucrânia.

Palavra de especialista

Arquivo pessoal

"Vamos resistir, somos determinados"

“O ataque foi horrível. Mostra que Putin pretende destruir a capital da Ucrânia. Ele não tem limites para isso. Trata-se de um crime de guerra. A razão pela qual ele faz isso é porque ele não sente uma resistência necessária da comunidade internacional. O apoio à Ucrânia foi expresso por todos os países-membros do G7 à exceção de Trump. Não acho que para ele, a morte de americano nos ataques faça diferença. Trump sente o vácuo (de sanções internacionais) e sua meta é esmagar a Ucrânia. Ele tem tentado isso desde o começo. Continuamos a resistir, os ucranianos são muito determinados. Putin está alvejando os civis ucranianos: minha mãe vive nessas áreas bombardeadas, meus filhos vivem não muito longe dali.”

Olexiy Haran, especialista em política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla (Ucrânia)

ARGENTINA

AFP



Manifiestante fixa cartaz para a marcha pró ex-presidente

Cristina ficará em prisão domiciliar

Condenada a seis anos de detenção e impedida de disputar as eleições pelo resto da vida, a ex-presidente Cristina Kirchner, de 72 anos, ganhou ontem uma disputa judicial. Ela poderá cumprir sua pena em prisão domiciliar em um apartamento, mas terá de usar tornozeleira eletrônica diferentemente do que a defesa dela gostaria. O local fica bem próximo ao Parlamento e foi transformado em referência para seus seguidores. A decisão foi autorizada pelo Segundo Tribunal Federal Oral (TOF 2), formado pelos juízes Jorge Gorini (presidente), Rodrigo Giménez Urriburu e Andrés Basso. A ordem contrariou a recomendação do Ministério Público.

No mesmo momento em que a Justiça concede essa prerrogativa para Cristina Kirchner, apoiadores da ex-presidente se organizam em manifestações na área onde está o apartamento. Cartazes foram fixados (**foto**) no bairro onde ela vive e, em um deles se lê “Não está sozinha”. Os seguidores da ex-presidente (2007-2015) e vice-presidente (2019-2023) mantêm uma esquema de plantão.

Para hoje, foi convocada uma grande marcha até o Segundo Tribunal Federal Oral. Na tentativa de conter a manifestação, Milei assinou um decreto ampliando os poderes da polícia, inclusive para prisões. Apesar do frio que chegou a 11°C em Buenos Aires, a fidelidade fala mais alto do que a baixa temperatura. “Vim de trem com a bicicleta e trouxe o saco de dormir para passar a noite aqui e amanhã (hoje) acompanhar a marcha”, disse à AFP Huará Gatti, de 33 anos e funcionária da área de Cultura da prefeitura de Rosario. Os manifestantes compartilham mate e outras bebidas quentes para suportar o frio. “É preciso estar aqui porque é um momento muito importante, muito triste, doloroso. É uma forma de dar um abraço à distância e que ela saiba que não está sozinha”, acrescentou.

O chefe de Gabinete de Ministros da Argentina, Guillermo Francos, avalia que essa “reação inicial” da militância tem curto tempo de duração. “Teremos que ver se isso se torna um espetáculo permanente. Esse não é o objetivo de uma condenação judicial”, afirmou à emissora A24.

Acusação

Cristina Kirchner foi julgada por fraude na província de Santa Cruz, no sul do país. A Suprema Corte se recusou a revisar o caso, alegando parcialidade e falta de provas. A ex-presidente foi condenada por participação em um suposto esquema de corrupção envolvendo contratos de obras viárias na região da Patagônia. Ela negou todas as acusações.

A decisão foi tomada dias após a ex-presidente anunciar sua candidatura a deputada nas legislativas provinciais de Buenos Aires, em setembro. Se eleita, obteria imunidade legislativa por quatro anos. Ela é hoje o nome mais forte e de referência na oposição contra o governo de Javier Milei.

No último dia 11, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva manifestou solidariedade à Cristina Kirchner, por intermédio das redes sociais. Segundo ele, notou “com satisfação, a maneira serena e determinada com que Cristina encara essa situação adversa e o quanto está determinada a seguir lutando”.